

## A PREVISÃO DO COMPORTAMENTO ADOLESCENTE – O CASO DOS TESTES DE REVISTAS

Leila Rachel Barbosa Alexandre  
Universidade Federal do Piauí

**RESUMO:** Neste trabalho são estudados os testes de revistas para adolescentes do sexo feminino por causa de seu público bem específico, buscando ver como aspectos que revelam o perfil presumido da leitora são refletidos na construção do gênero. São observados elementos como a estrutura do teste e linguagem, sempre tendo em vista a sua função genérica específica. Também são investigados os efeitos dos diversos aspectos genéricos envolvidos na construção de um teste para a conquista das leitoras e a persuasão das mesmas, com base na idéia de que os testes tipificam os comportamentos das adolescentes de forma simplória e têm como fundamento comportamentos sociais idealizados e estáveis.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gênero. Teste de revista adolescente. Previsão de comportamento.

**ABSTRACT:** This work examines the magazines test for adolescent girls because of their very specific audience, trying to see how aspects that reveal the profile of the presumed reader are reflected in the construction of genre. Elements are seen as the test structure and language, always taking into consideration its specific generic. Also investigated the effects of various generic issues involved in building a test for the achievement of the readers and the persuasion of her, based on the idea that the tests typify the behaviors of adolescents in a simple-minded and are founded on social behavior and idealized stable.

**KEYWORDS:** Genre. Teen magazine test. Prediction behavior.

### 1 INTRODUÇÃO

Grandes partes das revistas normalmente têm um público alvo bem específico, tratando de assuntos convergentes, sendo de circulação restrita e cujos interessados fazem uma assinatura para recebê-la, geralmente, mensalmente. Em vista desta circulação restrita, toda a publicação é construída em função dos interesses do público alvo, seja em relação aos assuntos tratados, linguagem utilizada ou estruturação, sendo formada quase totalmente por seções fixas. As revistas destinadas ao público feminino adolescente, por exemplo, apresentam geralmente diversos elementos que remetem à feminilidade jovem: uso majoritário da cor rosa, seções sobre moda, relacionamentos amorosos, amizade, etc., tudo permeado por uma linguagem leve e divertida, que tenta imitar a possível linguagem das leitoras.

Dentre as seções fixas das revistas para adolescentes há a de testes, em que as leitoras respondem a perguntas com alternativas para que se chegue a um resultado sobre um traço específico de comportamento de alguém, por exemplo: “Que tipo de beijeira você é?”,

“Você é boa de cantada?”, “Como você age em grupo?”. Nos resultados que decorrem das alternativas escolhidas para cada pergunta geralmente são apresentadas definições do tipo de comportamento específico em que a pessoa se encaixa, dizendo o porquê de ela ser assim e dando dicas para lidar melhor com esse traço.

Partindo da idéia de que os gêneros são classes de textos

que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155),

estudamos os testes de revistas para adolescentes do sexo feminino por causa de seu público bem específico, buscando ver como aspectos que revelam o perfil presumido da leitora são refletidos na construção do gênero.

Apesar de atenderem à função primordial de testar alguém acerca do comportamento sob determinadas circunstâncias, o teste de revista para adolescentes se mostra diferente de testes direcionados para outros tipos de público. Essas diferenças e semelhanças podem revelar quais ferramentas linguísticas fazem com que um gênero como o teste possa sofrer variações de acordo com a variabilidade do público a que é direcionado, o que faz com que os propósitos comunicativos possam ser caracterizados em diferentes níveis de generalização (BATHIA, 1997).

Além disso, uma pesquisa com um nível de especificidade maior como essa — estudando testes de revistas para adolescentes e não apenas testes — pode mostrar como um gênero se subdivide em outros mais específicos, segundo o suporte ou público -alvo, por exemplo, revelando que o que determina de fato um gênero é a sua função dentro de determinada prática social, que exige estratégias e formas de apresentação específicas.

Essa pesquisa ainda ajuda a entender como um gênero é construído de forma a ser capaz de cativar um público alvo e até mesmo influenciar as idéias e vivências desse público, segundo o grau de “intimidade” que demonstra ter com seu leitor. Enxergando essas influências como decorrentes de estratégias utilizadas, seja pelo produtor do teste ou pela própria ideologia e propósitos da revista, é possível verificar que mecanismos da construção desse gênero fazem com que uma pessoa se sinta atraída a responder ao teste e use o resultado do mesmo em sua vida social.

O corpus selecionado para esta pesquisa foi composto de testes retirados das revistas “Capricho” e “Atrevida”, a primeira de periodicidade quinzenal e a segunda periodicidade mensal, possuindo grande circulação entre o público jovem feminino, sendo usados apenas os testes que se encontram nessas revistas em seções fixas, sem restrições quanto ao assunto tratado.

Observamos a estrutura do teste, seus elementos gráficos, linguagem, sempre tendo em vista a sua função específica e nos ancorando, principalmente, nos estudos sobre gênero de Marcuschi, Bathia e Bakhtin. Além desses são estudados também outros textos de apoio que sejam mais específicos quanto ao assunto aqui tratado.

## 2 Gênero e subgênero

Gênero textual refere-se às classes de textos que, conforme Marcuschi (2002, 2005, 2008), encontramos no nosso dia-a-dia, em situações comunicativas que se repetem, apresentando padrões sociocomunicativos específicos, sendo histórica e socialmente situados, possibilitando a comunicação verbal. Segundo o autor, eles são responsáveis pela corporificação na linguagem de formas culturais e cognitivas de ação social, ou seja, eles legitimam as ações sociais que apresentam formas culturais e práticas específicas e, portanto, comunicam-se e agem sobre a sociedade de determinada maneira.

Quanto à maleabilidade do gênero, Marcuschi apresenta pontos de vista ligeiramente diferentes quando se compara os três textos. No de 2002, caracteriza os gêneros como “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (p. 21). No de 2005, ao falar da noção de “relativamente estável”, de Bakhtin, acerca do gênero, ele diz que “a noção de relatividade parece sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos históricos e as fronteiras fluidas dos gêneros” (p. 17), portanto é mantida a valorização ao caráter dinâmico do gênero. No entanto, no texto de 2008, ele define gêneros como “formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (p. 155), enfatizando a estabilidade dos gêneros, diferentemente do que aconteceu nos textos anteriores, embora na página 156 do mesmo texto diga que os gêneros não devem ser concebidos

como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. (grifo nosso)

Com base nas duas visões apresentadas pelo autor, preferimos considerar nos nossos estudos tanto o caráter estável como o caráter maleável do gênero como de fundamental importância, uma vez que, por ser um construto social, ele pode variar conforme as funções que desempenha, mas, ainda assim, mantém estáveis características recorrentes que definem seu papel dentro daquela sociedade.

Por causa desse caráter de estabilidade dos gêneros, eles “funcionam como ‘horizontes de expectativa’ para os leitores, como ‘modelos de escritura’ para os autores” (TODOROV, 1980, p. 49). Os autores de determinado gênero sabem como devem produzir um texto dentro daquele gênero, que linguagem utilizar, que assuntos abordar e de que forma, como estruturar, etc, tudo porque sabem a que público se destina, onde vai ser veiculado e o que os consumidores esperam encontrar ali. Por outro lado, os consumidores lêem em função do que esperam encontrar em determinado gênero: eles lêem um teste de revista esperando encontrar perguntas com alternativas que levem a um resultado sobre um traço do comportamento e não uma notícia, por exemplo, e isso acontece porque esperam que aquele gênero desempenhe a função para que foi constituído (no caso do teste, identificar traços específicos de personalidade), que se reflete na forma como o texto é estruturado, a linguagem utilizada, o assunto abordado ou o suporte em que aparece, possibilitando o reconhecimento do leitor.

Ainda que o gênero tenha uma estabilidade que decorre da convenção feita pelas práticas sociais, ele não é estanque em seus limites visto que se são construídos nas práticas sociais são sensíveis às suas variações históricas, situacionais e mesmo estratégicas. Essa fluidez é o que garante a criatividade dentro dos gêneros e as misturas entre eles e permite

que um gênero seja realizado de forma tão específica que possa atender uma parcela bem definida da sociedade. Por exemplo, os testes têm uma função específica, como dito anteriormente, no entanto, por causa dos públicos tão diversos que os utilizam (adolescentes, mulheres, homens, crianças), apresentam diferenças entre si (quanto à linguagem, aos assuntos abordados, etc) que permitem uma maior identificação com o público-alvo.

Essa característica da “versatilidade genérica” (BATHIA, 1997), a variação dos gêneros, ocasiona níveis de generalização no estudo dos gêneros, definidos em função de “diferenças sutis no uso de estratégias para descrição, avaliação, ou diferenciação do produto [...] que eventualmente ocasionarão usos específicos dos recursos linguísticos.” (BATHIA, 1997). Isso quer dizer que dependendo do público-alvo, do assunto que se pretende abordar e da carga avaliativa que se pretende utilizar, um gênero, como o teste, pode apresentar diferenças linguísticas em sua realização que permitem a existência de subgêneros, como os testes para adolescente, os testes para mulheres adultas e os testes para crianças.

Gênero, portanto, refere-se a um propósito comunicativo maior (no caso dos testes, testar) e subgênero refere-se ao recorte mais detalhado e específico desse propósito comunicativo (por exemplo, testes destinados ao público feminino adolescente), que acarreta particularidades linguísticas, temáticas e composicionais. Esses subgêneros diferem entre si em vista da sua especificidade, no caso, dada em virtude do público alvo, mas ainda atendem ao propósito maior já dito e, por isso, não constituem gêneros diferentes, mas subgêneros de um gênero maior, o teste.

### **3 Enunciado e atitude responsiva**

Bakhtin (2003, p. 262) define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Para ele, o emprego da língua se dá em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada campo por seu conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional. Dessa forma, entende -se por enunciados os textos produzidos em situações reais de interação entre sujeitos segundo determinadas perspectivas e objetivos e que se situam dentro de um determinado gênero, segundo características recorrentes que advêm de um propósito comunicativo comum.

Para Bakhtin, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (2003, p. 272), ou seja, cada enunciado é construído em resposta a outros enunciados e, por sua vez, suscita respostas de outros enunciados. Ao terminar de proferir um enunciado, o sujeito passa a palavra ao outro ou dá “lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 275). Isso significa que a resposta a um enunciado não vem necessariamente de forma verbal, mas pode suscitar comportamentos em resposta à compreensão daquele enunciado. Sobre isso, Bakhtin diz que “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo” (2003, p. 271).

Para suscitar uma atitude responsiva, o enunciado deve apresentar uma conclusibilidade, que indica que o enunciado proferido está aberto a réplicas. Bakhtin (2003, p. 281) diz que isso é determinado por três fatores: 1) exauribilidade do objeto e do

sentido, em determinadas circunstâncias de enunciação; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, sentimento do que o falante quer dizer; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, determinadas por um dado campo da comunicação discursiva e que determinam o que se esperar dos enunciados proferidos dentro de determinado gênero. Isso determinará, por exemplo, se, ao fazer um teste e obter um determinado resultado, uma pessoa tomará esse resultado como verdade e agirá sob sua influência. Vejamos os resultados de um teste que pretende responder à pergunta “Você nasceu para ser famosa?”:

#### (1) Desencanada

Definitivamente, você não tem a menor vocação para a fama - e tudo bem, porque a verdade é que não está nem aí pra isso! Seu estilo é outro e você detesta aparecer. Isso é perfeitamente normal. Só preste atenção para não ser confundida com uma pessoa anti-social e antipática, ok?

Tímida

Confessa: você até tem aquele sonho de ser famosa, viver sob os holofotes e ser reconhecida nas ruas. O que a impede de ir atrás disso é a maldita timidez! Conviver com pessoas extrovertidas, fazer aulas de teatro e perder a vergonha de falar em público podem ser algumas maneiras de se livrar dela. Vai nessa!

Estrela

Você pode não ser capa de revista, mas tem alma de celebridade! O legal é que as pessoas amam ficar ao seu lado, já que é divertida e cheia de novidades. Aproveite a "fama" e dê uma de Angelina Jolie, participando de um programa de voluntariado ou cuidando do meio ambiente. (grifo nosso) (VOCÊ..., 2008)

Depois de responder a uma série de perguntas, a leitora chega a um desses resultados acima, que, além de identificarem o tipo de comportamento, oferecem dicas para lidar melhor com ele (trechos sublinhados). Essas indicações aparecem sempre no final das respostas e são responsáveis por suscitar atitude responsiva da leitora, que pode tomar essas “dicas” como certas e realmente praticá-las ou simplesmente refutá-las. Esse “fechamento” das respostas com dicas de comportamento se mostra bem atrativo para a leitora que, além de buscar se conhecer, ainda pode melhorar para ser mais aceita socialmente.

## 5 Jornalismo de Revista

Scalzo (2003, p. 12) define revista como “um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo”. Isso acontece porque, diferentemente do jornal, que possui um público heterogêneo, a revista possui um público bem específico, que mantém com ela uma relação de confiança e o faz assiná-la para recebê-la em determinados intervalos de tempo, o que faz com que concordemos com Scalzo (2003, p. 12) quando diz que “quem define o

que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor”.

A revista, ainda segundo Scalzo (2003, p. 19), “possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática)”. Ela se torna íntima do leitor e sua estrutura composicional tende a refletir isso, com a presença de seções fixas, com gêneros que se prestam a uma maior interação revista-leitor (carta ao leitor, carta do leitor, testes, enquetes, reportagens, depoimentos, resenhas, etc), além de um projeto gráfico único. Essa intimidade também é garantida pela linguagem, que pretende ser o mais próxima possível da usada por seus leitores e de fácil entendimento.

Por causa do caráter de segmentação, as revistas refletem de forma decisiva as diversas esferas da atividade humana e suas particularidades. Elas podem ser especializadas para a esfera científica, assim como podem ser especializadas para a esfera adolescente, dentre outros.

A especificidade chega a um ponto que muitas revistas mantêm *sites* especializados, com o conteúdo da revista impressa e mais atrações complementares. Esses *sites* mantêm a mesma linha da revista impressa que lhes deu origem e permitem acesso a edições anteriores, numa espécie de versão *on-line* mais completa da revista impressa. No caso das revistas aqui pesquisadas, verificamos que uma das áreas de maior destaque dos seus respectivos *sites* é a de testes, oferecendo até mesmo mecanismos de procura por assunto. Dessa forma, na pesquisa foram usados, em sua maioria, testes retirados dos *sites* das revistas, que já foram publicados na versão escrita ou não.

## 6 O leitor presumido na revista para adolescente

Segundo Bakhtin (2003, p. 301), “um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*” (grifo do autor). Ao proferir um enunciado, o sujeito presume o conhecimento que o destinatário já possui, sua visão de mundo, seus gostos e suas vivências e, assim pode antecipar a possível atitude responsiva que ele tomará.

Essa concepção do destinatário (no nosso caso, o leitor presumido) irá determinar, segundo Bakhtin (2003), a escolha do gênero do enunciado, dos procedimentos composicionais e do estilo do enunciado. Isso significa que o perfil do leitor presumido determina quais gêneros são mais adequados que outros, que formas de composição serão mais aceitas e que meios lingüísticos serão usados para atingir as preferências desse leitor.

Segundo Alves Filho (2007, p. 192) “o autor de um texto-enunciado faz uma *aposta* no provável leitor, supondo um conjunto de habilidades, capacidades e saberes da parte deste”, ou seja, as escolhas que o autor faz para compor seu texto advêm também do tipo de leitor que ele tem em mente (se adolescente ou adulto, escolarizado ou não, de classe econômica alta ou baixa, etc.), e com essa concepção ele pode construir um texto mais fácil ou complexo, com alto grau de inferências ou alto grau de informações explícitas, com grande quantidade de gírias ou linguagem mais científica, entre outros.

Pelo fato de o autor do texto trabalhar, geralmente, com uma concepção de leitor e não com o conhecimento do leitor real, as revistas tentam conhecer o mais profundamente possível o seu público. Isso acontece porque “quanto mais o leitor presumido se aproxima do leitor empírico mais aumenta a margem de segurança para as suposições.” (ALVES FILHO, 2007, p. 192), ou seja, quanto mais o leitor-modelo é

próximo do leitor real, mais o autor tem segurança para construir seu texto, fazer escolhas linguísticas, falar de determinados assuntos, etc. Para tentar resolver esse problema, as editoras das revistas fazem constantemente pesquisas que mostram a idade média dos consumidores, sua classe social, sua escolaridade e suas opiniões sobre a revista, e, com esses dados, constroem estatísticas que guiam a produção da revista, desde as escolhas gráficas, até os gêneros que a compõem.

No caso de uma revista destinada a um público leitor formado por meninas adolescentes, a escolha dos gêneros que a compõem refletirá a concepção que a revista possui dessa leitora (auxiliada pelas estatísticas de público leitor), a forma como a revista é estruturada (suas seções, elementos gráficos, etc.) e a linguagem utilizada. São encontradas, então, nessas revistas, seções que tratam de relacionamentos, comportamento, moda, beleza, música, etc., tudo voltado para as possíveis vigências e gostos das adolescentes, que aparecem sob a forma de gêneros típicos das revistas (cartas da leitora, enquetes, testes, reportagens, resenhas, depoimentos, cartas-pergunta, carta do editor, etc), mas com uma linguagem que tenta se aproximar da que supostamente as adolescentes usam, de forma divertida e cheia de gírias.

É preciso deixar claro que nesse trabalho usamos a noção de leitora presumida quando usamos a expressão “leitora”, visto que acreditamos que os testes são produzidos segundo padrões comportamentais que não condizem necessariamente com a realidade, mas que são suposições e previsões feitas segundo alguns traços comportamentais.

## **7 O teste para adolescentes**

Os testes para adolescentes se mostram bem estáveis, com fórmulas prontas de alto efeito persuasivo. Na maioria dos casos, possuem um título que o identifica e atrai a atenção do leitor. Possuem também uma breve apresentação de que traço do comportamento ele ajudará a desvendar. Geralmente são formados de uma série de perguntas, cada uma com número determinado de alternativas. Cada alternativa dada para uma determinada pergunta conduz a um determinado resultado. Assim um teste que possua 10 perguntas, cada uma com 3 alternativas, possivelmente apresentará 3 resultados diferentes.

O resultado pode ser dado pela maioria de alternativas iguais (por exemplo, maioria de alternativas A conduz a um determinado resultado, assim como maioria de alternativas B conduz a um resultado diferente), ou pode ser dado pela soma de pontos de cada alternativa. Nesse último caso, cada alternativa possui uma determinada quantidade de pontos e não ocupam sempre a mesma posição em cada pergunta. Por exemplo, na 1ª pergunta de um teste, a alternativa A vale 1 ponto, a B vale 2 pontos e a C vale 3 pontos, na 2ª pergunta a alternativa A pode valer 3 pontos, a B 1 ponto e a C 2 pontos. Esses valores são dados, geralmente, por uma tabela de pontos ao final do teste. A soma dos pontos obtidos em cada pergunta dá o resultado.

Os resultados sempre se encontram no final dos testes e, quase sempre, vêm com uma explicação desse mesmo resultado e uma indicação de como se sair bem com esse comportamento. O resultado, apesar de ser categórico, dá “dicas” de como melhorar o comportamento (se ele for inadequado, segundo os padrões que são considerados aceitáveis) e elogia o comportamento “padrão”.

Por trabalharem com público bastante definido, os testes tendem a “imitar” a linguagem do público presumido de forma a aproximar-se dele, afinal para determinar

traços comportamentais de uma pessoa, é necessário que se conheça suas características sociais. São usadas, então, gírias, expressões coloquiais e um modo de escrita que por vezes se aproxima mais da linguagem oral cotidiana, tudo isso dependendo do público presumido, como no exemplo a seguir:

Encontra-se também a transposição da voz do leitor que responde o teste para as alternativas das perguntas. Essas alternativas são construídas de forma que parece que o próprio leitor está respondendo, falando por si mesmo e não respondendo perguntas pré-fabricadas. Isso dá a ilusão ao leitor de que a revista entende tanto seu comportamento que consegue reproduzir exatamente o que ele falaria em dada situação.

O teste tem a função primordial de testar os sujeitos de forma que ao final das perguntas feitas se tenha um resultado que indique um traço do comportamento da pessoa. Dessa forma, eles tipificam certos traços comportamentais de modo que, em consonância com o resultado das perguntas que o testado respondeu, seja possível encaixá-lo em um determinado grupo de pessoas que possuíam um determinado tipo de comportamento.

O resultado apontado pelos testes, ao separar as pessoas em tipos, podem suscitar atitudes responsivas do seu público, já que não só dizem que tipos de pessoa são, mas dão “dicas” de como lidarem melhor com esse comportamento. Em função disso, quem responde o teste, pode, a partir do resultado, querer mudar sua personalidade por não se sentir à vontade com o tipo em que se encaixa ou procurar formas de sanar as limitações encontradas.

Como se vê, os testes parecem modelizar as relações humanas, prevendo -as de modo que, respondendo a uma série de perguntas, uma pessoa seja capaz de conhecer definitivamente um traço de sua personalidade ou da personalidade de outras pessoas. Eles se apresentam como soluções fáceis para que se possa enfrentar os diferentes comportamentos das diferentes pessoas, simplificando os traços de personalidade, com uma “exatidão matemática”, atendendo à expectativa das pessoas de se encaixarem na “normalidade”. Vejamos as seguintes perguntas retiradas de um teste que tem como título “Qual a sua verdadeira idade?”:

- (2a)** 1. Sábado vai rolar uma megabalada. Só que seu pai não deixou você ir de jeito nenhum. Aí, então...
- a) Tenta argumentar dizendo que todas suas amigas vão, que é aniversário de uma pessoa queridíssima e não pode faltar de jeito nenhum!
  - b) Fecha a cara, se tranca no quarto e não conversa mais sobre o assunto.
  - c) Pergunta o porquê desta decisão e tenta entender os motivos de seus pais.
2. Segunda-feira no colégio, você escuta os comentários do final de semana e descobre que suas amigas foram ao shopping e não a convidaram. Como se sente?
- a) Rejeitada e profundamente magoada. Acha que elas não a consideram de verdade e não vê a hora de chegar em casa para chorar.
  - b) Fica morrendo de raiva e arruma um jeito de revidar: procura excluí-las do grupo de trabalho justamente daquela matéria que você

manda superbem.

c) Chama as garotas para uma conversa sincera na hora do intervalo, diz que ficou chateada com a atitude delas e procura saber o que aconteceu para ser excluída do programa entre amigas. (QUAL..., 2008)

No exemplo, cada pergunta possui três alternativas de resposta que correspondem a três resultados diferentes sobre se a idade da leitora condiz com as idéias dela. São respostas que mostram momentos passíveis de vivência por qualquer adolescente e, por isso, fazem com que as leitoras se identifiquem com eles. No exemplo há apenas duas perguntas de um teste que contém dez perguntas, que oferece resultados de acordo com a maioria de respostas de uma letra. São, portanto, dados três tipos de comportamento, os quais são caracterizados de modo um tanto absoluto e trazem dicas de como melhorá-lo. Há, no entanto, certa preferência por um tipo de comportamento, que se apresenta como mais adequado.

Para causar a identificação da leitora, são usadas expressões como “megabalada” e “superbem”, típicas do vocabulário adolescente. Além disso, em certos momentos há uma transposição da voz da leitora como em “Tenta argumentar dizendo que todas suas amigas vão, que é aniversário de uma pessoa queridíssima e não pode faltar de jeito nenhum!”, em que, no final, parece que a própria leitora está falando, o que é efeito da expressão “não pode faltar de jeito nenhum!”, que traz um tom de revolta pelo pai não ter deixado a garota ir à festa.

As respostas são tão fechadas que tipificam o comportamento humano de tal maneira que pode ser apresentado de apenas três formas, mas, apesar da generalização, esses resultados, de certo modo, oferecem um conforto para a adolescente em dúvidas, já que além de identificá-la e entendê-la, ainda pode ajudá-la. Isso fica mais claro quando observamos os resultados do teste:

## **(2b) Maioria A**

### **Idade do RG**

Você tem comportamentos típicos de adolescente. Pretende se afirmar, mas

ainda não sabe bem o que quer da vida. Oscila entre querer ser ora criança, ora adulta. Quase sempre, pode se passar por mimada e até perder um pouco da espontaneidade, por estar sempre buscando a autoafirmação. Mas essas dúvidas vão passar; adolescente é um pouco inconstante mesmo. Porém, não se apegue nesta desculpa para fazer o que bem entender, combinado?

### **Maioria B**

#### **Mais nova que o RG**

Parece que você anda com medo de encarar que cresceu! Se esconde e se fecha no seu mundinho, pensando que o tempo vai esquecer de "passar pra você". De tão reservada, as pessoas podem achar que você é até um pouco arrogante, o que dificulta ainda mais o contato com a realidade. Ei, tá na hora de acordar! Ser criança é muito bom, mas ser adolescente também é uma delícia! Cresça e apareça, menina!

## Maioria C

### Mais velha que o RG

Você é madura para lidar com problemas e humilde para admitir quando erra. Demonstra confiança, determinação e não se deixa levar pela opinião dos outros. Este jeito de lidar com as coisas é bacana, porém muitas vezes se aborrece e se preocupa demais com coisas pequenas e até com problemas que não são seus. Algumas vezes, pode até parecer chata para as pessoas da sua idade, o que acaba afastando-as. Permita-se a ser menos responsável de vez em quando e curtir a sua adolescência, OK? (grifo nosso) (QUAL..., 2008)

Nesses resultados fica clara a tipificação do comportamento de forma que quanto à relação entre idade do RG e idade das idéias, há apenas 3 possibilidades: ser da idade do RG (comportamento normal de adolescente), ser mais nova que o RG (atitudes de uma pessoa com menos idade) e mais velha que o RG (atitudes de uma pessoa com mais idade). Em cada uma são apresentadas características do tipo de comportamento em questão, mas verificamos uma preferência pelo primeiro tipo, considerado normal, e, até mesmo as “dicas” das outras respostas são voltadas para a “normalização” do comportamento. Nessa visão, há apenas um comportamento aceito de fato (o de idade condizente com as idéias de adolescente) e a leitora que se encaixe em um perfil de mais infantil ou mais adulta é considerada inadequada. Como na adolescência o medo de não ser aceito é grande, os testes para esse público trabalham com a ideia de padronização de comportamento, que, muitas vezes, se apresenta como a solução dos problemas de identidade da leitora.

É possível observar também, nos trechos sublinhados, a grande presença de verbos finitos e afirmativos, que dão a idéia de certeza e parecem repelir qualquer imprecisão. Isso dá às respostas do teste um estatuto de verdade, que é corroborado por expressões de “incentivo” como “Ei, tá na hora de acordar”, “Cresça e apareça, menina!”, que parecem ser dirigidas diretamente à leitora. Esse direcionamento é usado constantemente nos resultados dos testes, que parece falar com a leitora em uma intimidade que permite que a leitora seja tratada por “você”.

As características e funções típicas do teste para adolescente ficam mais evidentes no seguinte exemplo, retirado do site da revista Capricho:

#### **(3) Sua amiga está apaixonada por vc?**

##### **Veja o que as atitudes dela revelam sobre a relação de vcs!**

1 - Como ela se relaciona com os seus namorados?

- a) Simplesmente não apoia e implica com todos eles.
- b) Não gosta nem odeia
- c) Normalmente adora a maioria

2- Quando você sai com outras amigas e esquece de chamá-la, como ela reage?

- a) Não se importa nem um pouco
- b) Fica chateada porque queria ir, mas esquece logo, logo.
- c) Faz um escândalo, diz que não ta certo você sair sem ela estar por

perto

3 - Quando um garoto fala pra ela que está a fim de você, o que ela faz?

- a) Comenta comigo por alto, e não fala nada mais.
- b) Põe muita pilha e não sossega enquanto eu não ficar com ele.
- c) Esconde de mim até que eu descubra através do próprio garoto.

4 - Vocês foram a uma festa e lá você arrumou um gatinho. Ela:

- a) Fica pra lá e pra cá, mas não perde vocês dois de vista.
- b) Trata logo de arrumar um gatinho pra ela também.
- c) Não te deixa um minuto sequer com o garoto, você nem consegue beijá-lo.

5 - Como ela se relaciona com os meninos?

- a) Sempre está de namorinho com um deles.
- b) Normalmente. De vez em quando fica com um ou outro.
- c) Nunca se interessa por nenhum.

6 - Sempre que você está namorando, ela:

- a) Te trata mal, fica muito triste e faz questão de desaparecer.
- b) Não fica grudada em mim, mas sempre que dá a gente se encontra.
- c) Adora! Trata logo de arrumar um namoradinho também pra gente sair juntas.

7 - Alguma vez ela já tentou te beijar?

- a) Já, mas eu disfarcei e tudo continuou normalmente
- b) Beijar não, mas demonstra um carinho diferente das outras amigas.
- c) Nunca! Impossível.

Resultado

### **Poder ser...**

É muito complicado saber exatamente o que deve passar na cabeça dela. Ela é uma amiga que sente sua falta, que não dá tanto apoio assim pro fato de você estar com alguém, não faz tanta questão de te ver ficando com algum gatinho, mas também não te cobra nada. A boa é você ver até que ponto esse pode ser apenas o jeitinho dela ou se ela realmente pode sentir algo especial por você.

### **Fique atenta**

Pode ser que sua amiga sinta uma coisa especial por você sim. Ela não consegue lidar com o fato de você estar com outra pessoa, não gosta de quem está com você, está sempre de olho em você, sofre quando você está gostando de alguém. Nada poderia comprovar essa afirmação, mas se você começar a perceber que isso realmente pode ser verdade, nada que uma boa conversa entre amiga resolva essa situação.

### **De jeito nenhum!**

Não passa nem perto. Ela fica super contente quando você está com um gatinho, faz questão de por pilha pra você ficar com um deles, não sente o menor ciúme de você e não te cobra nenhum tipo de tratamento especial. Se isso for uma preocupação pra você, fique tranquila, pois ela não aparenta sentir nada além da amizade. A não ser que você venha a ter uma surpresa futuramente. (SUA..., 2009)

O título desse teste já traz um possível aspecto de identificação da leitora, que é o uso da expressão “vc” em vez de você. Esse título traz uma pergunta que seria a própria dúvida da leitora que, no caso, ao fazer o teste, quer saber se sua amiga está a fim dela. Note-se que o assunto deste teste é bem sério e traz uma indagação que possivelmente aflige muitas adolescentes sobre sexualidade. Ele é bem categórico na pergunta e dá à leitora uma impressão de que sua dúvida será prontamente respondida.

Para cada uma das sete perguntas que se seguem são apresentadas três opções de resposta que se referem ao tipo de relacionamento que a leitora tem com sua amiga. Quando o teste é feito no site da revista, cada pergunta e suas alternativas aparecem em uma página diferente e, depois de clicar em uma alternativa, a leitora é levada a outra página, com outra pergunta. As alternativas vão sendo escolhidas até que se chegue a um resultado específico.

Há a transposição da voz da leitora claramente, como na pergunta 6, em que, para uma pergunta feita em 3ª pessoa, a alternativa “a” traz uma resposta também em 3ª pessoa, mas as duas alternativas seguintes trazem expressões de 1ª pessoa, como “mim” e “pra gente”, como se a própria leitora estivesse falando.

Quando verificamos os resultados, a tipificação de comportamento é salientada, visto que, respondendo a sete questões o teste se propõe a revelar a opção sexual de uma pessoa. Os resultados seguem a fórmula caracterização + dica, oferecendo uma compreensão, ainda que simplória, do problema e a forma de agir mais indicada para a situação. Os comportamentos são tipificados a tal ponto que o fato de uma menina se incomodar por sua melhor amiga estar saindo com alguém é taxado de forma que essa garota seja apaixonada pela amiga. Mesmo um assunto delicado com esse é tratado de forma genérica. Há, portanto um nivelamento social e comportamental, que não condiz necessariamente com a realidade.

## 8 CONCLUSÃO

Os testes para adolescentes se apropriam da linguagem e vocabulário da leitora presumida (uso de gírias, palavras que fazem parte do universo adolescente e incorporação de suas “falas”) como estratégia para que a leitora presumida “se veja” na revista. Há uma modelização de traços comportamentais (respondendo as alternativas do modo determinado pela revista, é definido um comportamento típico), o que mostra a facilidade que a leitora presumida busca para resolver seus problemas e que é aproveitada pela revista. Além disso, há um apagamento das variabilidades sociais e comportamentais, o que ocasiona alto nivelamento das leitoras presumidas.

A indução de atitude responsiva (o resultado apresenta sugestão para melhorar o comportamento) realizada pelos resultados dos testes leva a leitora a agir em resposta a essa sugestão, acatando ou refutando. Isso é feito, basicamente, pelo estabelecimento de

relação de confiança com a leitora (as situações apresentadas são muitas vezes vivenciadas pelas leitoras, não há repreensão ou cobrança), o que faz com que a leitora presumida tenha a ilusão de ser inteiramente entendida.

## REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, F. O leitor presumido na imprensa escrita piauiense. In: ENCONTRO DO MESTRADO EM LETRAS, 2006, Teresina. **Anais**. Teresina: Editora da UFPI, 2007, p. 192-202.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- BHATIA, V. K. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, Bruxelles, 75:629-652. 1997. [Tradução: Benedito Gomes Bezerra].
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. *et al.* **Gêneros textuais: reflexão e ensino**, 2005, p. 17-33.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais no ensino de Língua. In: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 146-224.
- QUAL a sua verdadeira idade? **Atrevida**, São Paulo, n. 169, 2008. Seção Testes. Disponível em: <<http://atrevida.uol.com.br/beleza-gente/169/artigo100120-1.asp>>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. [S.l.]: Contexto, 2003, 112 p.
- SUA amiga está apaixonada por vc? **Capricho**, São Paulo, 08 mai. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/testes/sua-amiga-lesbica-esta-apaixonada-vc-469145.shtml>> Acesso em: 10 nov. 2009.
- TODOROV, T. A origem dos gêneros. In: **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 43-58.
- VOCÊ nasceu pra ser famosa? **Atrevida**, São Paulo, n. 170, 2008. Seção Testes. Disponível em <<http://atrevida.uol.com.br/beleza-gente/170/artigo103639-1.asp>> Acesso em: 10 nov. 2009.